

TODOS OS DIAS DE SUA VIDA EM UMA REDOMA

Paulo Ferraz

Nos últimos anos tem sido cada vez mais comum que cruzemos pelas calçadas com adolescentes de cabelos azuis, uniformes de colegial ou camisetas estampadas com personagens que grande parte de nós sequer suspeita existirem. Em breve, com certo exagero, poderemos dizer que nos sentiremos em uma rua de Tóquio, sem que seja preciso estar no bairro da Liberdade em São Paulo. Convenhamos que, embora exponencialmente com mais visibilidade nesse mundo em rede, não chega a ser uma novidade total a presença da cultura japonesa no nosso cotidiano, sobretudo seu lado *pop*, afinal os jovens que assistiram aos primeiros filmes do National Kid e do Godzilla na década de 1960 são hoje os avós dos que caçam Pokémons (e pais dos que assistiram Spectreman, Jaspion, Jiraya, Cavaleiros do Zodíaco...).

Mas ainda assim, mesmo que muitos saibam o que são *animes* ou *mangás*, que tantos haicais já tenham sido escritos por poetas mais ou menos inspirados, que livros de Haruki Murakami sejam vistos nas linhas do metrô ou que nos deparemos com braços tatuados ao estilo da Yakuza ou com delicadas *sakuras*, a cultura japonesa entre nós continua a ser marcada por uma ressabiada proximidade, quando não se apresenta como mera decoração, o que é um mau sinal para nós, considerando que já se passou mais de um século desde a chegada do Kasato Maru no porto de Santos. Ecos de um inconveniente de longa data. Nos anos que antecederam a esse primeiro desembarque, houve diversas manifestações contrárias à vinda dos japoneses, como a de Oliveira Lima, que em 1901 advertira o governo brasileiro quanto aos riscos da imigração de uma “raça inferior”, uma opinião que repercutiria entre adeptos da eugenia e do arianismo ainda na década de 1930, quando Oliveira Vianna, por exemplo, assegurava a impossibilidade de sua assimilação, seguidos da animosidade e repressão dos tempos da Segunda Guerra.

Lamentavelmente, alguns resquícios desse pensamento talvez persistam entre nós, pois grande parte de sua ampla contribuição em nosso dia a dia nas mais

diversas áreas continua a ser vista como exótica e alheia ao propalado amálgama cultural brasileiro, persistindo o rótulo de *estrangeiros* sobre os descendentes de japoneses. Rótulo ao qual adicionamos um grande número de preconceitos, incluindo um conjunto de atributos que supostamente seriam positivos, como possuírem autocontrole, organização, eficiência ou raciocínio matemático superior aos demais. O que para uns pode parecer elogio, no fundo é recebido como um estigma difícil de ser retirado.

Em *Homens adoram mulheres perfeitas* nos deparamos com uma trama atravessada por referências à cultura, à mentalidade e aos costumes nipônicos como raramente se viu na literatura brasileira. Ao contrário das personagens quase invisíveis e inexpressivas de *Amar Verbo Intransitivo* e *Marco Zero*, cujos papéis de pouca relevância talvez se expliquem pelo fato de essas obras serem contemporâneas da imigração, no romance de Andréa Catrópa encontramos um protagonista efetivamente integrado à realidade brasileira. Ou que pelo menos teria as condições de estar. É um funcionário exemplar, metuculoso, disciplinado, desses que não tiram férias há três anos e põem sua produtividade acima de qualquer relação social, com um emprego na contadoria de um hospital de São Paulo e uma esposa a lhe esperar em seu apartamento após o expediente, sem vícios aparentes e cujo único *hobbie* é cultivar bonsais. Seu nome, Eduardo Hori.

Sim, ele é japonês, ou melhor, ele é brasileiro como as demais personagens principais do livro, entretanto, mais que pelo sobrenome, sabemos que Eduardo é nissei justamente pela significativa presença das referências culturais que o cercam, algumas das quais pertencentes ao rol de estereótipos pelos quais costumam ser coletivamente descritos os descendentes de japoneses, tais como certo caráter reservado ou mesmo alguma inaptidão para a vida coletiva, o que no caso de Eduardo se veem convertidos, para resguardar seu equilíbrio interno, em um excesso de concentração e planejamento que o mantêm alheio a uma vida social.

Para além de uma escolha, descobrimos que seu isolamento é desencadeado por uma síndrome comum no Japão, conhecida como *taijin kyofusho*, o que implica uma série de reações emocionais e até físicas avessas à coletividade ou à exposição pública, como se sua intimidade nunca pudesse ser compartilhada sem entrar em atrito com os demais. Mais do que explorar as

complexas relações sociais nascidas dos valores da cultura nipônica, desde a primeira aparição de Eduardo, incomodado com o colarinho sujo ou a possibilidade de sua visita estar atrasada, notamos que em *Homens adoram mulheres perfeitas* o eixo sobre o qual se estrutura a narrativa passa pela solidão, representada como uma espécie de enfermidade que pode atingir graus, no mínimo, desconfortáveis para aqueles que dela padecem.

Esse transtorno, embora não corresponda exatamente a uma reação por se sentir diferente ou menos capaz que seus colegas, talvez esteja relacionado com a consequência de ter sido assim tratado, como algumas de suas memórias dos tempos de escola parecem sugerir, de ter sido alijado dos demais ou de ter se percebido estigmatizado por algo que pudesse ser tomado como desagradável em seu comportamento ou seu aspecto. A comunidade japonesa há de ter suas convenções que agravam esse medo de desagradar ou de falhar aos olhos de terceiros, porém, no cenário nacional, não podemos ignorar que acrescentamos um ingrediente perverso nesse contexto cultural, o preconceito, uma vez que somos uma sociedade forjada na desigualdade e que emite continuamente sinais de intolerância e discriminação, segregando, às vezes com ações, outras apenas com palavras, aqueles que não aceita como iguais.

A pretensão de Eduardo, decerto ingênua, acaba por ser a de ter o domínio absoluto de sua vida, uma pretensão que, por qualquer perspectiva que se olhe, revela-se mais como uma obsessão, já que quaisquer desvios de rotina ou acontecimentos inusitados podem obrigá-lo a tomar decisões impensadas ou a se expor ao desconhecido, cujos resultados ele será incapaz de prever. Só poderia haver domínio, se o que ele entende por sua vida estivesse resumido ao que ele pode controlar. Assim, a opção pelo trabalho metódico parece ser, antes de mais nada, um mecanismo para anular a possibilidade de incidentes, o que inclui, no limite, anular uma razoável parte de si mesmo, já que das oito da manhã às cinco da tarde sua mente estaria ocupada somente com a dança dos algarismos que passam de uma conta para outra, nas quais cada item do estoque, cada doente internado ou cada funcionário poderia ser expresso matematicamente, inexistindo conversa no café ou planos comuns para o final de semana.

Quanto ao restante do dia, Eduardo o destina exclusivamente para os cuidados domésticos de sua companheira Marina que, tal qual sua mãe num

passado recente, exige seu total comprometimento, já que cabe a ele executar por ela as ações mais corriqueiras, de sair da cama a escolher a roupa que irá vestir. O que para muitos poderia ser visto como uma espécie de prisão, como um fardo pesado demais para ser carregado, para ele é uma espécie de zona de conforto, pois é na silenciosa cumplicidade de Marina que se apazigua. Aos seus olhos, a perfeição de Marina está em ocupar com sua passividade os vazios de sua existência, sem propor ou pedir nada em troca, sem expressar suas vontades, sem interagir com o que lhe é exterior, igualando-se a ele em sua aparente inexistência para o mundo.

Ainda que se esforce para se proteger, é evidente que jamais terá êxito, pois vida alguma se resume a uma repetição mecânica de gestos, mesmo o mais solitário dos indivíduos ao pôr os pés na rua está sujeito à interferência do acaso, que necessariamente fará com que suas tarefas, seu controle, seu planejamento não saiam como deveriam sair. O súbito interesse pela enfermeira Ângela, uma nova lua de mel com Marina, uma inesperada promoção em seu trabalho são suficientes para que Eduardo paulatinamente explicita os sinais de sua inaptidão para lidar com novas situações e se veja ainda mais acometido pela necessidade de evasão.

Essa fragilidade de Eduardo, talvez, guardadas as devidas proporções, não seja tão diferente de outros distúrbios emocionais desencadeados pelas pressões familiares e públicas que desde muito cedo impõem metas inatingíveis a todos nós. Por estarmos todos tão imersos nos papéis que desempenhamos mal nos damos conta que, involuntariamente, fazemos parte de uma competição permanente que mais nos pune com reiteradas frustrações que nos premia com algum tipo de prazer. Fortuna, reconhecimento, poder, amor, felicidade, beleza provavelmente só existam no plano das ideias e nas agências de *marketing*, contudo, seguimos nessa corrida. Outros desistem dessa corrida sem sentido e ficam pelo caminho. O título no plural nos faculta supor que não se trata de um problema exclusivo do seu protagonista.

Aliás, sua personalidade esquiva e, em alguma medida, sua ansiedade são realçadas por dois recursos importantes na estrutura de *Homens adoram mulheres perfeitas*. Um deles diz respeito à divisão do romance em pequenos capítulos, que em geral encerram uma unidade temática – são inclusive precedidos por títulos –

, e passam ao leitor a impressão de ser uma sucessão de contos que têm em comum as experiências de uma mesma personagem central. Dessa forma, Catrópa controla o ritmo com que detalhes ocultados por Eduardo se revelam, ora com mais, ora com menos intensidade, retardando ou antecipando o desmantelamento de sua fortaleza privada, conforme se vê obrigado a enfrentar uma realidade que preferia manter à distância.

Ao fracionar o romance, livrando-se em alguma medida da linearidade mais convencional ou mesmo do predomínio da ação, Catrópa consegue explorar as camadas de um conjunto de narrativas sobrepostas que dão ao livro um arranjo peculiar, pois cada um dos conflitos, mesmo situações que possam parecer insignificantes para o fecho da trama, tem sua relevância nesse processo, pois Eduardo os vive intensamente, às vezes, até, excessivamente. Mesmo aqueles conflitos que ficam restritos a um conto-capítulo, e não se desdobram em outros, parecem permanecer pulsando e minando sua capacidade de resistir. Uma vez que uma porta de seu apartamento foi aberta, não cessará a expectativa de algo possa invadir sua privacidade e roubar o semblante sereno e inerte de Marina. Da mesma forma, quando um objeto insignificante se quebra, é como se os vínculos entre ambos igualmente se rompessem.

Além dessa trama de contos, o outro recurso que se destaca em *Homens adoram mulheres perfeitas* é um deslocamento da voz do narrador, que num dado momento deixa a certa neutralidade da terceira pessoa e segue repentinamente para o turbilhão da primeira, quando a partir de então passamos a acompanhar o ponto de vista do próprio Eduardo. Se o narrador em terceira pessoa, por vezes, manifestava quase a mesma incompreensão acerca das atitudes arreadas de Eduardo, para não dizer excêntricas, que não diferia muito de como seus colegas o viam, a partir do momento em que somos levados à sua própria narrativa, passamos a receber a sua maneira de apreensão do mundo, que nos insere em suas idiossincrasias e em suas contradições. Somos apanhados por sua instabilidade e de dentro dela percebemos melhor sua insegurança e seu anseio por mudar, uma vez que ele próprio, em mais de um momento, aparenta, com hesitação e medo, tentar romper de dentro pra fora suas barreiras. É pela voz titubeante de Eduardo que nos chegam com mais impacto as memórias de sua infância, o papel de sua

mãe em sua formação, sua interpretação de como se relaciona com o exterior, seus mecanismos mentais de fuga e negação e a quase repulsa que sente por seu corpo.

A forma como vê Marina e seus sentimentos por ela ganham novas dimensões para os leitores a partir do momento que passamos a seguir seus pensamentos. Não é difícil concluir que sua extrema dedicação a ela não pode ser entendida como companheirismo, amor ou sequer altruísmo, em verdade, nem mesmo Marina está imune à insegurança e aos medos de Eduardo, pois cuidar dela significa acima de tudo preservar a si mesmo. Marina não é um fim, mas um meio, da mesma forma que os números em seu escritório, e por ser um meio, o que não a difere, portanto, de uma ferramenta ou qualquer outro objeto, ela não poderia ter outro papel que não o de protegê-lo, que não o de conferir sentido à vida dele.

A imobilidade absoluta de seu corpo, sua indiferença e sua prostração dão a Eduardo a impressão de ter comando, e eventualmente algum prazer, pois em algum lugar de si há de se sentir satisfeito por ter alguém cuja apatia absoluta impede todo julgamento, ou seja, ele construiu para si uma relação de poder que em nenhuma outra hipótese seria capaz de exercer, afinal a existência de Marina depende exclusivamente dele, pois seu corpo não segue nem a natureza nem as vontades dela. O que ela aparenta ser e o que aparenta querer são as expressões dos impulsos de Eduardo. Em alguma medida, ela é seu bonsai. E não nos esqueçamos que o título do livro está no plural, tanto sujeito, quanto objeto.

